

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



MÁQUINA PNEUMÁTICA - SETOR I

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ - COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE ANTLIA
MÁQUINA PNEUMÁTICA - SETOR I

A exploração do Setor I desta constelação foi recheada de ocorrências.

Sendo um arquipélago, o Setor I de Máquina Pneumática, caracteriza-se pela existência de vários focos do que podemos afirmar ser magia. Ora pelos seus habitantes, ora pela vegetação que se encontra em várias das ilhas.

O navio responsável pela exploração – ainda que sempre sob o cuidado e até algum relacionamento próximo com o Comandante da Expedição, Fernão de Magalhães – estava às ordens da Capitã Professora Ana.

Este navio e a sua tripulação de exploradores, trouxe para a expedição um conjunto de recursos de mobilidade que não existiu nas restantes embarcações e, talvez por isso, foi possível aceder a recantos do Universo, até então desconhecido.

Foi igualmente em Máquina Pneumática – Setor I que se verificou que a tecnologia de tempos distintos, coexiste com alguma facilidade.

*Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

A FLOR DE UYKY UYKY

A navegação agitada levou-nos até uma massa terrestre. Quanto mais nos aproximávamos, pior me sentia.

Estava na banheira com barcos de papel que tinha feito e adormeci. Sonhei que tinha acabado de sair de um dos barcos e encontrei pessoas transformadas em estátuas.

Quando parámos e me disseram que íamos explorar, o que vi era igual aos meus sonhos.

Investiguei e investiguei. Descobri que tinha sido um vulcão que entrou em erupção e tinha transformado as pessoas em estátuas. Entretanto, fui vendo que tudo estava em ruínas – casas, prédios, quintas, tudo queimado.

Ao fim de algumas horas de viagem, a paisagem mudou.

Descobri uma floresta onde encontrei uma flor vermelha às pintinhas amarelas. Tinha dois metros de raio e cheirava muito mal. Nessa terra, os animais chamavam-na de flor Uyky Uyky. Essa flor tinha folhas grandes, cores alegres e um cheiro horrível. Para a encontrar bastava cheirar, o que era difícil com tantos odores e perfumes da floresta.

Os animais falantes disseram ainda que só por estarmos perto da flor de Uyky Uyky, tínhamos visões do Passado e do Futuro. Por isso eles já sabiam que nós íamos chegar. E talvez por isso eu já soubesse o que ia encontrar.

A água da banheira ficou fria e acordei...

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães

Autores: Afonso Albuquerque, Beatriz Mel, Benedita Lopes, Diogo Costa, Francisca Almeida, Gabriela de Almeida Valente, Gabriel Monteiro, João Pedro Silva, Leonardo Leal, Leonor Cardoso, Leonor Nunes Costa, Luana Pinto, Lucas Barata, Manuel Gaspar, Maria Almeida, Maria Miguel Pinheiro, Martim Frias Amaral, Matilde Figueiredo, Miguel Vicente, Ricardo Rodrigues, Rodrigo Correia, Tiago Seixas, Victor José, Vitória Almeida [Escola Básica João de Barros, 3.ºB (Máquina Pneumática - Setor I)]

Grafismo e Design: Miolo e Meio

Edição: Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

Depósito Legal:

Impressão: Tipografia Beira Alta

O Projeto-Piloto de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum - Associação para os Museus Municipais - Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival "Mescla", a 07/07/2019.

A Fase 1 de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" inicia-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães.

Viseu. Setembro, 2019.

A DESCOBERTA DA CIDADE MÁGICA

Depois de longos dias e estreladas noites, num barco com os meus companheiros e a Capitã Professora Ana, atracámos no porto de uma cidade desconhecida.

Saí de bicicleta e fui explorar melhor. Descobri que essa cidade era mágica, pois bastava tocar em alguma coisa, para que ela desaparecesse. Os habitantes tinham a pele cor-de-rosa e umas asas para voar. As roupas deles eram parecidas com as dos feiticeiros e eram de várias cores. Todos tinham uma varinha mágica e um chapéu de bruxa. Eles moravam em casas pequenas, porém, cheias de magia.

Andavam em escolas de feitiçaria e cada um sabia fazer um truque diferente.

Era uma cidade pequena, mas muito feliz!

O REINO DOS COMPASSOS

Quando eu saí do barco, peguei no meu cavalo dourado chamado Spirit. Juntos, prosseguimos até encontrar uma placa que dizia “O Reino dos Compassos”.

Entrei silenciosamente e vi muitos círculos, porém, alguns tinham água, mas não era uma água qualquer, uma era azul, outra amarela, outra vermelha, outra laranja, outra verde, outra roxa, outra cor-de-rosa, outra cor da pele.

As casas tinham um círculo no meio do chão, as janelas eram formadas pelo biquinho do compasso, as portas eram muitos semicírculos e os telhados também formados por semicírculos.

No Reino dos Compassos havia muita comida redonda e a de que eu mais gostei foi algo semelhante à Bola de Berlim.

Depois fui a uma papelaria comprar um bloco de notas para apontar o que conheci no Reino dos Compassos.

De seguida montei no meu cavalo e voltei para o barco.

A ILHA DO ACAMPAMENTO

Certo dia, numa bela caravela, passeava eu com o Magalhães – era assim que eu o chamava – quando avistámos algo que parecia ser uma ilha, *ao largo*. Não tínhamos a certeza de que era uma ilha, *porque já tínhamos passado por aquele local* e nunca a tínhamos visto.

Aproximámo-nos, atracámos e decidimos ir ver o que havia nessa ilha. Fomos investigar para ver se havia vida humana e coisas belas. Havia flores, árvores gigantes e muitos animais selvagens. Tinha um grande areal, nunca tinha visto uma areia tão fina. Percorremos toda a praia e não vimos sinais de vida humana. Atravessámos o areal e entrámos na ilha. Havia flores muito bonitas e árvores gigantescas como nunca tinha visto. Os animais eram enormes, mas pareciam inofensivos. Aproximámo-nos de um animal, cautelosamente, para tentarmos fazer-lhe uma festinha. Assim que chegámos junto do animal, que parecia a mistura de um leão com um dragão cheio de pelo, ele começou a ronronar como se fosse um gato a pedir mimos.

A partir desse momento, nunca mais nos deixou. Acompanhava-nos para todo o lado. Eu e o Magalhães decidimos dar-lhe o nome de Tiqui. Como era um animal enorme, podíamos ir a cavalo nele. O Tiqui levou-nos a passear pela ilha. Não encontrámos sinais de vida humana, era tudo harmonia natural, fauna e flora conviviam.

O Magalhães deu a ideia de fazermos um acampamento e passarmos ali uns dias. Passámos dias fantásticos os três, eu, o Magalhães e o Tiqui. O Tiqui ajudava-nos a caçar e nós cozinhávamos o que ele caçava para comermos juntos. Nadávamos na praia e brincávamos a construir castelos de areia.

Passada uma semana, eu e o Magalhães decidimos voltar a casa, mas deixámos o acampamento montado para podermos voltar quando quiséssemos. O Tiqui ficou de guarda.

O REINO GULOSEIMÁSTICO

Eu, os meus companheiros e a Capitã Professora Ana, parámos num reino que não aparecia no mapa. Era desconhecido!

Cada um foi para um sítio diferente. Eu fui para um lugar onde as árvores eram feitas de Chupa Chups, o chão de rebuçados e de gomas, as casas de marshmallows. Tudo era feito de guloseimas.

Quando entrei numa das casas havia estátuas feitas de chocolate branco e castanho e que tinham formato de coelhos, ouriços e patos. Depois saí dessa casa e fui ter com os meus companheiros. Juntos demos um nome àquele reino, e o nome que lhe demos foi Reino Guloseimástico.

Depois voltámos para o barco.

Não sem antes recolher “mantimentos” para a viagem.

O TAL SÍTIO

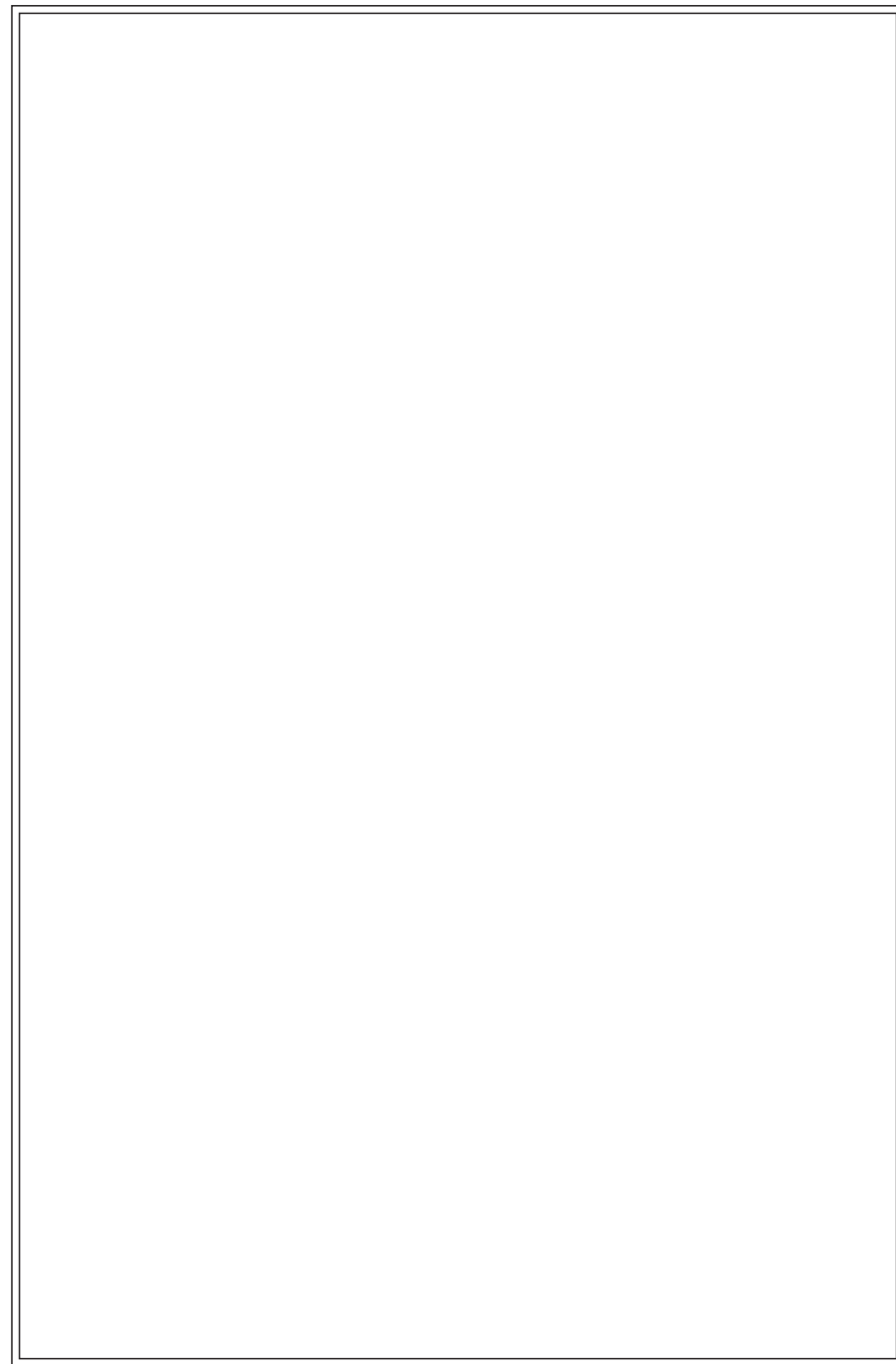
Após várias semanas de mar quase sem vento aconteceu que, certo dia e de repente, chegámos a um sítio desconhecido.

Saímos do barco e pegámos nas nossas bicicletas, entrámos no tal sítio e reparámos que não havia ninguém.

Cada vez que dávamos um passo, o chão mudava de cor. Quando saímos, dissemos que havia qualquer coisa lá dentro para fazer aquilo tudo. Voltámos a entrar e caminhámos, caminhámos... e, como não tínhamos descoberto nada, voltámos a sair.

Fomos lanchar e concluímos que afinal não havia lá nada e fomos sentar. Mas, ao longe, vimos qualquer coisa a piscar. Entrámos novamente e descobrimos que era uma caixa cheia de luzes a piscar, cada uma com a sua cor. Quando chegava a noite esse sítio ficava ainda mais bonito.

Gostaria de voltar lá, mas tínhamos de regressar ao navio e prosseguir a exploração.



O NAUFRÁGIO TEMPORÁRIO NA ILHA SURPRESA

Quase em sequência, a viagem decorria sem incidentes. Todos conversávamos ou realizávamos os trabalhos necessários.

Era um dia calmo, mas de repente, o barco começou a afundar e nós todos pegámos nas nossas motas aquáticas com rodas e saímos todos do barco. Infelizmente, o comandante e o seu ajudante ficaram para trás e ficámos sozinhos com a Professora no meio do mar, já a avistar as ilhas ao longe.

Estava a começar de anoitecer e decidimos parar numa ilha que parecia deserta. Quando chegámos, decidimos que eu, a Luana, o João, o Tiago e o Rodrigo iríamos cortar lenha com um machado. Ao longe, ouvimos o som de vários grilos e mochos e decidimos voltar para fazer uma grande fogueira e passar a noite em segurança. Jantámos bananas e mangas, bebemos água de coco e adormecemos a pensar no que ia acontecer no dia seguinte.

Eram sete horas da manhã e ainda estavam todos a dormir. Fui à procura de fruta para o pequeno-almoço, mas a meio do caminho vi uma luz verde e roxa. Decidi aproximar-me com o machado. Afastei a vegetação e vi algo que nunca tinha visto. Era uma espécie de vulcão, mas mais pequeno, cujas pedras eram verdes e muito cintilantes. Deitava lava roxa, fumo também roxo e tinha um cheiro adocicado que fazia lembrar o cheiro de amoras.

Fiquei tão admirado e de boca aberta que nem me apercebi que já escorria saliva pelo queixo. Ao contrário do que era normal, a lava parecia fria porque vinha um vento gelado do vulcão. Fui a correr chamar os meus companheiros e a professora para verem este espetáculo. Mas quando lá chegámos, o vulcão parecia estar extinto e já não se via nenhuma luz. Fiquei triste e desapontado porque ninguém acreditou. Só os meus três melhores amigos acreditaram.

Fomos indo novamente para a praia porque já tinha chegado um barco para nos recolher, enviado pelo comandante, que tinha dado o alerta.

UMA ILHA ROCHOSA

Passados alguns dias, o barco parou à beira de uma ilha rochosa. Saí do barco, peguei no meu hovercraft e fui explorar a ilha.

Decidi entrar pela ilha adentro. Pensava que era mesmo toda rochosa, mas quando entrei, encontrei árvores e flores. Continuei a minha descoberta, pois parecia um local nunca visto. Mais à frente encontrei uns animais nunca descobertos, eles eram azuis com pintas pretas, cabeça verde e os membros superiores eram grandes e cor-de-rosa, os membros inferiores eram pequenos e cor de laranja e tinham três antenas vermelhas na cabeça.

Encontrei também uma árvore com o tronco verde e a copa castanha, tinha três frutos, uma melancia cor de laranja, um melão bege e outro que parecia uma banana, só que roxa e pequena como uma ameixa.

Durante a minha viagem por aquele lugar, deparei-me com um ser parecido com um ser humano, mas parecia um estorjo, não conseguia falar, tinha um fecho a toda a altura e era verde a fugir para o azul. Os seus braços eram pequenos e as mãos grandes, as pernas eram enormes e os pés pequenos. Ele era estranho – quanto ao que eu conhecia – não trazia roupa, estava nu.

Afinal, esta ilha nunca tinha sido descoberta e eu decidi ficar neste local por mais algum tempo, para o conseguir estudar melhor e apreciar as suas maravilhas.

A ILHA DA MONTANHA BRANCA

Numa manhã de segunda-feira, eu, os meus companheiros e a Capitã Professora Ana fomos pelo mar fora e avistámos uma ilha. Deslocámo-nos *a pé, desde a embarcação até ao areal*. Quando chegámos, apercebemo-nos que era uma ilha deserta e resolvemos explorá-la.

Era uma ilha com muita vegetação, tínhamos muita dificuldade em caminhar. Deparámo-nos com plantas raras, nunca vistas noutra local. Continuámos a percorrer a ilha e vimos uma variedade de pássaros exóticos.

Depois de termos feito uma paragem para descansarmos e continuarmos a explorar a ilha, avistámos uma pequena gruta com estátuas em pedra, trabalhadas pelos nossos antepassados com letras romanas. Tirámos várias fotografias para mais tarde recordarmos.

Quando decidimos regressar ao barco, fiquei encantada com uma montanha cheia de neve. O seu cume brilhava com o Sol. Fiquei com vontade de ir a correr e escalar aquela montanha branca, iluminada pelo Sol, mas tínhamos de voltar, porque estava a anoitecer.

OS SERES BOLACHA

O barco no qual navegava, tinha como Capitã a Professora Ana. Uma capitã alta, séria, mas engraçada e amigável! Ela distraiu-se e o barco embateu num local muito estranho. Como explorador curioso que sou decidi-me a explorar as redondezas e vi que aquele local era feito de doces.

Passado algum tempo, comecei a perceber que as patas do meu cavalo começaram a transformar-se em doces e comecei a ficar com algum medo. Desmontei do cavalo e andei, andei até que encontrei seres que pareciam ser bolachas e fui ver se aqueles seres eram feitos, verdadeiramente de bolacha.

Confirmou-se! Eram mesmo feitos de bolacha. Ao tentar comunicar com aqueles seres entrei em pânico, porque eles começaram a mandar tiros de doce por todo o lado. Depois disso, a cidade ficou em ruínas e as casas despedaçadas. As árvores também tinham sido destruídas!

Não sei o que aconteceu aos seres Bolacha, mas não os tornei a ver!

Explorei todos os cantos e recantos e recolhi várias amostras daquela cidade para analisar.

A ILHA ABANDONADA

Numa manhã de quarta-feira estávamos a preparar o barco para mais uma etapa da viagem pelo mar. De onde nos encontrávamos, demorámos horas até chegar ao meio do mar!

Entretanto e no meio do mar encontrámos uma ilha escura e assombrada. Então, decidimos explorar essa ilha, mas como não sabíamos como se chamava demos-lhe o nome de Ilha Abandonada.

De seguida todos usaram o mesmo meio de transporte, uma mota, para explorar a ilha. Era uma ilha desconhecida e era propriamente preta e verde.

Havia lá vulcões com lava e deslocámo-nos até um vulcão mais pequenino.

A Maria pôs o pé ao lado do vulcão e começou tudo a brilhar, as flores a terem cor e a ficarem cheirosas, com aromas diferentes e a crescerem, as árvores ficaram mais vivas... tudo mudou desde aí.

Começaram a aparecer os animais, as ervas começaram a ter mais cor, havia casas pequeninas, um lugar maravilhoso e cheio de vida. Então, deram outro nome à ilha e passou a chamar-se Ilha Viva Colorida.

Entretanto estava na hora de regressarmos ao barco, mas estava feliz por darmos vida àquela ilha.

O PARQUE DE DIVERSÕES

Numa manhã de sexta-feira a Capitã Professora Ana levou-nos até uma Terra desconhecida. Lá encontrámos um parque muito divertido, era um parque de diversões.

Quando coloquei os pés no parque de diversões ficou tudo brilhante.

Logo de seguida, avistei uma roda gigante que era roxa com brilhantes e também vi carrinhos de choque de todas as cores. Quando vi a bola gigante transparente de ar que andava na água, quis logo andar nela. De seguida, apercebi-me que havia um túnel secreto, não hesitei e caminhei até ele. Logo vi muitas guloseimas, chupas, gomas, pastilhas, piscinas de chocolate e gelados de todas as cores e sabores. Como eu queria explorar o resto do parque, decidi não comer nenhuma guloseima para não ficar maldisposta.

Quando saí do túnel fui à floresta e observei muitas espécies de plantas e de animais. Algumas plantas eram altas, outras baixas, de cores variadas e aromas agradáveis. Os animais eram de diferentes classes, mamíferos, aves, répteis e anfíbios.

Fiquei maravilhada com tudo o que vi, mais parecia ser um sonho e de repente, encontrei a capitã e os meus companheiros e já não tive tempo para ir ao túnel das guloseimas porque tínhamos de regressar ao navio.

A ILHA DESCONHECIDA

Certo dia, eu e os meus companheiros, com a nossa Capitã, decidimos fazer uma viagem de barco a uma ilha desconhecida. Ao navegar pelo mar, conseguimos ver golfinhos, baleias, e também alguns tubarões.

Estávamos todos fartos de andar de barco quando a Capitã começou a gritar: “Ilha à vista “.

Então, todos rapidamente nos levantámos e corremos para a frente do barco. Assim que ele parou junto à costa, a capitã deu ordem para largar a âncora e saltarmos para a água. Nadámos todos até à praia e quando chegámos vimos muitos cavalos do outro lado.

Os meus companheiros gostavam mais de outros meios de transporte, uns trouxeram no barco skates e bicicletas, eu preferi ir buscar um cavalo. Ao passear pela ilha, descobrimos muitos caminhos bons e começou a ir cada um pelo seu à descoberta.

Eu tive sorte, encontrei um lago com água pura, parei para o cavalo beber água e descansar um pouco. Quando ele se baixou para beber consegui ver uma caixa a brilhar no fundo do lago. Aproximei-me e mergulhei para ver mais perto até que consegui ver que era um baú de tesouro dourado. Ainda tentei puxá-lo, mas era muito pesado. Com a corda que levei na mochila, atei uma ponta ao cavalo e outra ao baú para o tentar arrastar com a ajuda do cavalo. Consegui movê-lo, mas a corda acabou por partir. Desisti e continuei a passear pela ilha.

Pude ver a beleza de toda a natureza, cheia de árvores, flores coloridas, animais fofinhos e muitos passarinhos. Finalmente começou a anoitecer e voltámos todos para o barco de regresso à expedição.

A ILHA DA REALIDADE DIFERENTE

Estava com os meus companheiros e a Capitã Professora Ana, a navegar pelo pacífico mar até que atracámos numa ilha. Saí do barco, montei o meu cavalo e depois de quatro minutos a galope encontrei um sítio muito estranho.

As casas eram feitas de granito, mas por cima tinham uma leve e fina camada de espuma, não tinham uma só porta, mas tinham 5 portas e 10 janelas.

Aquela pequena aldeia não tinha nenhum, mas mesmo nenhum, tipo de fauna ou flora.

Era um sítio estranho! O chão era feito com leves e fofas gomas que se podiam arrancar, mas que voltavam a crescer. As nuvens eram feitas de pedras muito, mas muito, rijas e pesadas.

Era um espaço azul por baixo, mas preto e sombrio por cima.

Descobri um novo lugar com uma realidade diferente!

ONIX CITY

No dia 11 de Junho, enquanto navegava num cruzeiro pessoal – *todos precisamos de descanso, do trabalho de explorador!* – avistei ao longe uma cidade desconhecida. *Acostando naquela* tal cidade, desembarquei do cruzeiro, peguei na minha bicicleta e fui explorar a cidade. Depois de algumas voltas, descobri que não havia vida humana. Só havia monstros de pedra, lagartas gigantes de pedra, e enormes dragões de pedra.

Decidi então chamar a cidade de “Onix City”.

A ILHA DOS ANIMAIS BONS

{Esta é a história de um outro Marco Polo, um menino chamado Lucas que gostava de procurar ilhas desertas que nunca ninguém tinha encontrado. Ele era destemido, forte e corajoso.}

Viajando pelos oceanos afora para os lados do Norte, o navio embateu - levemente - contra uma rocha verde e atrás dela estava uma ilha cheia de vegetação. Curioso pedi para atracar na ilha pois olhando no mapa não existia. Ao entrar na ilha e no meio da vegetação, reparei que havia animais que nunca ninguém tinha visto, como cobras com pelo, uma espécie de leões verdes, e pássaros de várias cores que nadavam numa queda de água.

Ao avançar ainda mais para o interior da ilha comecei a ver animais em forma de mochila e de garrafas. Conforme conseguia, ia recolhendo provas de como estive lá: penas dos pássaros, o pelo das cobras, vegetação diferente de várias cores e feitas de gomas.

Passei vários dias a investigar a ilha. Tinha um clima muito quente tanto de dia como de noite. *Quando estava com fome*, comia os leões e vegetação feita de gomas.

Como reparei que os animais eram bons comecei a pensar que talvez não houvesse perigos como nas outras ilhas que já tinha descoberto, levei-os a dar uma volta no barco até às outras ilhas para eles descobrirem novos amigos. Disse depois aos meus companheiros humanos que aqueles animais eram amigos do Homem e levei alguns para viverem connosco.

{O Explorador Lucas continua ainda hoje à procura de novas ilhas, sempre à descoberta do Mundo inteiro.}

A DOCE

Eu estava a viajar numa nau com os meus companheiros, quando verificámos que a embarcação tinha um problema. Isso fez com que tivéssemos de atracar numa terra que para nós era misteriosa, pois não a conhecíamos.

Saí da nau com o meu cavalo branco, que viajou comigo. Mal pusemos os “pés” em terra vi uma cidade deserta, mas em bom estado, e vimos que as construções eram feitas de doces. Separámo-nos para ver se havia vestígios de vida. Demos voltas à cidade e encontrámo-nos numa praça que tinha um chafariz de gomas, lojas feitas com chocolate e esplanadas com guarda-sóis em formato de chupa-chupa.

Trouxemos uma pá da nossa nau e começámos a escavar, até que encontrámos um tesouro. Abrimo-lo e vimos uma coroa que tinha pérolas feitas de chocolate e doces.

A seguir escavámos um buraco tão grande que nos deu a fome. Começámos por comer aquele chão que era feito de m & m's, que tínhamos desenterrado quando escavámos o baú do tesouro. Resolvemos regressar ao barco para verificarmos se a reparação estava concluída.

Depois fomos buscar várias amostras das guloseimas que encontrámos nesta terra tão deliciosa, para verem o local onde nós estivemos. Embarcámos com o cavalo branco e todos os meus companheiros e fizemo-nos ao mar.

A VILA VULCÂNICA

Numa manhã, o navio onde eu viajava com os meus companheiros e a Capitã Professora Ana, *afastou-se da restante frota* e partiu em busca de uma nova ilha.

Assim que chegámos, procurámos um meio de transporte – para melhor nos deslocarmos. Eu escolhi uma bicicleta e depois de algum tempo a procurar, encontrei uma ilha – *dentro da ilha anterior!*

Essa ilha tinha um chão feito de rocha vulcânica e tinha carros totalmente destruídos. Vigiei essa ilha para ver se lá vivia alguém. Mas, passou-se algum tempo... e nunca vi alguém.

Então pensei que como a ilha estava toda destruída o melhor nome seria ilha da Vila Vulcânica – *já que tinha carros destruídos, teria vivido gente naquele lugar.*

Passado algum tempo – e repentinamente - os rios da ilha transformaram-se em lava e eu tive de fugir.

Voltei para junto dos meus companheiros e regressámos ao navio.

A ILHA DA TEMPESTADE

Numa bela tarde de primavera, navegávamos com Fernão de Magalhães. Ao leme do nosso navio ia a Capitã Professora Ana e nós éramos os seus marujos. De repente, uma enorme tempestade caiu sobre nós. Ficámos assustados! Pensámos o pior! A Capitã quase perdia o leme do navio e tivemos de desviar a rota, ao ponto de não sabermos onde estávamos. Fernão de Magalhães com a sua experiência tentou acalmar-nos e ajudou a conduzir o navio.

Eis senão quando damos por nós numa ilha desconhecida, numa ilha deserta. Tinha um grande areal, muito claro, as águas eram azuis e transparentes, ao fundo havia uma montanha alta e rochosa.

Explorámos a ilha e ficámos por lá algum tempo. Vimos animais e plantas que nunca tínhamos visto. A vegetação era muito verde, as folhas das árvores eram grandes e pareciam desenhadas. Havia flores de várias cores e tamanhos e muitos pássaros e borboletas a sobrevoá-las.

Os animais pareciam espantados por nos verem ali. Não pareciam habituados a ter pessoas por perto... Graças à nossa Capitã Professora Ana e a Fernão de Magalhães descobrimos este novo e maravilhoso sítio!

A ILHA DOS AVATARES

Ia com os meus companheiros e a Capitã Professora Ana numa grande viagem de barco. “Esquecemo-nos” do tempo e o motor falhou, por falta de gasolina – *queríamos ir mais rápido e não usámos as velas.*

Aportámos numa ilha, cuja existência desconhecíamos. Para acalmarmos, decidimos aí passar a noite e pela manhã, pediríamos ajuda. Fizemos fogueiras para nos mantermos quentes, enquanto pensávamos explorar o lugar que nos rodeava.

Na manhã seguinte vimos árvores com frutas exóticas, doces como o mel e animais diferentes e amistosos, que pareciam querer comunicar. Numa clareira vimos Seres parecidos com humanos, que dançavam e conversavam; eram altos e magros, com pernas e braços compridos. Tinham olhos lindos e doces. Vestiam roupas feitas de tecidos esvoaçantes e erguiam as mãos para o Nascente à espera do Sol, que já despontava no horizonte.

A Capitã disse-nos, que eram Avatares, seres superiores em inteligência e bondade, amigos do Planeta Terra – *a Capitã sabia muitas coisas!* Sentindo a nossa presença, aproximaram-se e convidaram-nos a tomar bebidas quentes, com frutas e mel. Ensinarão-nos a amar o Sol, como Fonte de Vida e a cuidar do Planeta. Depois de longa e interessante conversa, trouxeram-nos de volta à Terra (*imagine-se!*) com a ajuda dos golfinhos azuis, cujo auxílio solicitaram.

Acordei, quando nos despedíamos.

A TERRA DAS GULOSEIMAS

O barco que nos levava, depois de muito tempo perdido no mar, chegou finalmente a terra. Com medo do desconhecido, mas felizes por ao fim de uma semana pisarmos terra firme, saímos do barco.

Procurámos ajuda. Pensámos que houvesse uma cidade por perto onde pudéssemos comer, mas à nossa frente só víamos floresta. A Capitã Professora Ana seguia à frente, corajosa, mas ao fim de várias horas sem encontrarmos nenhuma povoação e cheios de fome, cada um decidiu ir procurar o que comer e separámo-nos.

Fui andando e andando, até que encontrei uma zona de flores. Com flores coloridas! Havia também árvores com frutas enormes de rebuçado e um lago de chocolate. Pensei que fome já não ia passar!

Continuei a andar mais um bocadinho enquanto trincava um rebuçado que me soube a mirtilo. Comecei a ver algumas vedações feitas de chocolate e árvores que cheiravam a menta. Os frutos dessas árvores pareciam ovos de chocolate, mas sem o papel que os embrulha!

As casas nessa aldeia eram feitas de guloseimas coloridas e pelas ruas passeavam pequenos gnomos. Tinha acabado de descobrir a Terra das Guloseimas.

A EXPEDIÇÃO À ILHA QUE ERA DESERTA

Certo dia eu e Fernão de Magalhães embarcámos numa aventura!

Decidimos entrar num iate e viajar sem destino, até que avistámos uma ilha deserta, onde ainda ninguém tinha ido. Pensávamos nós... pois quando lá chegámos, atracámos o iate e tínhamos uma mota e um buggy onde seguimos viagem pela ilha.

Durante o trajeto de duas horas avistámos criaturas nunca vistas. Tinham cabeças de fogo, corpo de areia, duas asas de metal e vagueavam pela ilha...

Vimos casas de lava e pelo. Quando se tocava no chão, este transformava-se num tema de festa, por exemplo, uma espécie de carnaval da ilha.

A vegetação era de cor amarela e roxa, muito esquisita!

Experimentámos a comida dos habitantes... Eram pernas de rã, picantes, mas não muito... e minhocas do deserto, doces como um rebuçado de mel! Delicioso!!!

No final da refeição, despedimo-nos das criaturas e voltámos ao iate. Regressando depois aos navios da expedição, contámos a todos a nossa aventura!

A ROCHA DAS ÁRVORES AO CONTRÁRIO

Andámos meses e meses quando embatemos contra uma rocha muito grande. Parecia um reino! Saí do barco com os meus companheiros enquanto a Capitã Professora Ana ficava a arranjar o barco. Cada um foi para um sítio diferente.

Fui com a minha prancha aérea até que encontrei uma casa feita de ouro, com as janelas de cristal, o telhado de rochas vulcânicas e as portas de cristal da lua. Não via ninguém. Continuei a voar até que vi uma casa igual, olhei à minha volta e as casas eram todas assim... decidi ir à procura de algo mais interessante.

De repente reparei que havia muitos animais, depois vi uma coisa muito estranha: eram árvores com os troncos verdes e as copas castanhas.

Investiguei até que encontrei algo: um homem estava a regar uma árvore com um copo cheio de COLA e rapidamente essa árvore que estava a regar ficou como as outras. Era estranho por que nos outros sítios aquilo não acontecia.

Percebi tudo e voltei para o barco.

PERDIDOS

Certo dia, eu e os meus companheiros, decidimos fazer uma viagem, *para descansar da expedição*. Fomos buscar um barco mais pequeno e começámos a navegar com a Capitã Professora Ana.

Passado algum tempo avistámos, ao longe, algo estranho. Aproximámo-nos e saímos do barco. Cada um pegou nos seus transportes. Fizemos um grande percurso até que chegámos a um sítio desconhecido, onde não havia pessoas. Só estávamos nós e mais ninguém.

Então decidimos ir à procura das pessoas, mas continuávamos sem encontrar alguém. Continuámos a fazer as nossas viagens, mas perdemo-nos.

Passados alguns minutos apareceram muitas pessoas que nos ouviram a gritar. Vieram até nós e salvaram-nos a todos. *Fomos juntos até um lugar onde nos alimentaram e deram de beber.*

Depois, regressámos ao estacionamento onde tínhamos guardado os transportes e fomos direitinhos para dentro do barco antes que acontecesse mais alguma coisa!

Assim regressámos até à expedição e aos restantes navios.

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ORIGINALMENTE DESENVOLVIDA E APRESENTADA
NO ÂMBITO DO FESTIVAL MESCLA, COM O APOIO DO MUNICÍPIO DE VISEU